

IBN KALDUN, A DINÂMICA DOS ASSENTAMENTOS HUMANOS E AS FUNÇÕES URBANAS NO ISLÃ HISTÓRICO

Prof. Dr. Nilson Crocia Barros
Universidade Federal de Pernambuco
nccrocia@ufpe.br

RESUMO

O trabalho aborda experiências de construção do pensamento e seus artefatos na civilização do Islam. A circulação de idéias e técnicas geográficas entre centros culturais é examinada. Atenção é posta na idéia de funções urbanas e nas apreciações interpretativas gerais sobre as relações entre a sociedade, os assentamentos humanos e o meio geográfico na obra de Ibn Kaldun.

Palavras chave: Islam, funções urbanas, Ibn Kaldun

ABSTRACT

The present work focuses on experiences of the construction of geographical ideas and artifacts in the historic Islam. Attention is paid to the diffusion of geographic ideas and techniques among imperial cultural centers (cores). The analysis of urban functions and the general appreciations on the relationships between society, settlement and environment in Kaldun's work are appreciated.

Key words: Historic Islam, Urban functions, Ibn Kaldun.

Introdução.

Recuar no tempo para examinar as experiências de construção e transmissão da Geografia é propriamente aquilo que se denomina exercício historiográfico. Esta iniciativa de auto-reflexão sobre a disciplina, numa perspectiva temporal, envolve grandes e variadas dificuldades, e dentre estas são comumente citadas a fidedignidade das fontes, o desaparecimento dos materiais das épocas em foco, além de intimidade com a estrutura contemporânea da disciplina (BARROS, 2004a, p.77). Sobre esta última exigência, não há como negar que os significados dos traços temáticos e de abordagens que o historiador colherá no passado serão produzidos a partir da compreensão contemporânea que o historiador possui da sua disciplina, e não somente pela imersão contextual daquelas temáticas e abordagens naqueles tempos passados de onde foram extraídos. Historiar a disciplina, portanto, é produzir significados. A historiografia da disciplina, especialmente – embora não somente – a partir dos estudos sistemáticos informados pelos estudos culturais, acostumou-se a não entender as experiências pré-modernas da Geografia como meros registros com poucos ecos no presente.

Pelo contrário, a historiografia da disciplina reconheceu, como o argumenta Paul Claval (2002, p.12), que teria que desenvolver uma noção da Geografia contemporânea com mais reconhecimento e gratidão às contribuições do passado, inclusive às greco-romanas. Nos seus traços essenciais, o trabalho geográfico atual não diferiria muito dos padrões encontrados em outras experiências históricas, afirma Claval (2002, p.12). As evidências são numerosas em apoio a este ponto vista, como por exemplo a crucial importância atual da cartografia digital para os negócios e a administração pública nas suas diferentes esferas, tal como o foi a cartografia manual nas experiências das civilizações do passado. Sempre com a mesma forma básica, os mesmos objetivos gerais, acrescidos das atualizações metodológicas e tecnológicas. Outra evidência é a estrutura da Geografia no ensino fundamental e médio, que não nega os ecos da formulação enciclopédica que remonta, pelo menos, a Strabão (63 aC-21/26? dC) e Ptolomeu (100-178 dc) na Antiguidade Clássica, estrutura e motivos muito associados às viagens (BARROS, 2004a). A Geografia afinal de contas, como o afirma Livingstone (1998, p.18), existe tal como a linguagem e a arte,

por causa do “outro”.

O presente artigo aborda, com objetivos mais didáticos e orientados para o ensino superior da história da disciplina, alguns aspectos das experiências práticas, dos temas e das idéias presentes na Geografia no histórico Islã. Assim como em artigo anterior (BARROS, 2004a, 2005), procura-se, na medida do possível, combinar elementos contextuais e propositivos do exercício historiográfico.

As Casas de Sabedoria, as traduções e as influências greco-romana.

A expansão árabe a partir do século 6, com o desmoronamento do Império Romano, fez o Islam ocupar, ou percorrer em negócios, ou ter como teatro das suas guerras, desde a África do Norte, passando pelo sul da Europa, pelo Oriente Próximo, pelo parte superior da costa oriental africana, até à Índia e à China. Este processo de expansão revelou maior vigor ao longo dos séculos 7 – quando se deu a revelação do *Corão* a Maomé para que ele desse conhecimento dos preceitos de deus aos beduínos do deserto - e 8. Os árabes entram em contacto com o conhecimento geográfico grego especialmente através da obra de Ptolomeu, *Geographia*, obra que vem a ser traduzida para o árabe no século 9, juntamente com vários dos trabalhos de Aristóteles. A civilização do Islã, na sua ascensão, drenava idéias, ciências e técnicas das outras civilizações, como o haviam feito romanos, chineses, egípcios, indianos, e haveriam de fazer europeus, americanos, japoneses, etc¹.

Foi Al Mamum, o califa, que promoveu este processo de difusão e assimilação no momento inicial da expansão do Islam, promovendo traduções. Com a auto-confiança dos horizontes cosmopolitas ascendentes, Al Mamum não conhecia certamente a teoria das invenções culturais *in situ*, uma fantasia ambiental determinista e que veio a despertar algum interesse mais de uma dezena de séculos depois. Conforme declara Ibn Kaldun (1332-1406 dC), a *Physis* de Aristóteles, assim como outros trabalhos do mesmo sobre as ciências filosóficas tornaram-se disponíveis em árabe por ordem de Al Mamum. Nas próprias palavras de Kaldun, a influência exercida por Aristóteles realizava-se assim: “Os estudiosos têm escrito livros seguindo-lhe as mesmas linhas, aditando explanações e comentários” (KALDUN, 1958, p.147, vol.III).

Desta forma, tanto Ptolomeu quanto Aristóteles, ambos marcaram profundamente o pensamento árabe. Também no século 9, em torno de 830 dC, foi fundada a academia científica de Bagdá, chamada de *A Casa da Sabedoria*, por ordem do mesmo califa Al Mamum (KIMBLE, 2005, p.56-7). Outros nichos ou ambientes institucionais de estudos, no modelo das *Casas da Sabedoria*, formaram-se nas cidades do Cairo, Damasco, Granada, e aí procediam-se traduções de trabalhos gregos e latinos, suas discussões e comentários, e realizavam-se compilações de informações de viagens. Estas “casas” funcionaram para o império do Islam tal como as sociedades geográficas, científicas e de viagens funcionaram para os imperialismos europeus que foram florescendo após os séculos 16 e 17, isto é, como centros cosmopolitas de difusão de idéias e formadores das atitudes de alta cultura imperial. Reconhece-se, porém, que muitas obras produzidas naquelas “casas”, pouca, ou mesmo nenhuma, influência vieram a exercer na Europa, como foi o caso das obras dos geógrafos do mesmo século 9 chamados Ibn Khurrahadhbih e Ibn Hawkal (UNWIN, 1992, p.57).

Al Masudi, Al Idrisi e Ibn Batutah: três lendários reconhecedores de terras e mares.

No século 10, Al Masudi tornou-se o geógrafo de maior destaque no mundo islâmico. Com base no conhecimento que os comerciantes e viajantes árabes vinham adquirido sobre a costa leste do continente africano, Al Masudi pôs em dúvida a velha representação de Ptolomeu, representação na qual a África apontava para o oriente e se ligava ao Sudeste Asiático por terra (KIMBLR, 2005, p.63)². Entretanto,

estas considerações permaneciam ainda no campo do não demonstrável. Outro geógrafo de destaque foi Al Idrisi (1099-1180), autor da obra *Entretenimento para Aquele que Deseja viajar ao redor do Mundo*. Al Idrisi tornou-se particularmente conhecido no ocidente, isto em decorrência do seu trabalho descritivo concluído em 1154. Este trabalho, na realidade, era o texto para acompanhar o grande planisfério de prata que ele fez para a corte de Roger II, cristão, da Sicília.

Al Idrisi, demonstrando um claro impulso cartográfico e corográfico, foi um grande viajante pelo mundo então sob influência árabe, e afirmou que o seu trabalho era descrever as cidades, os assentamentos, os territórios, a agricultura, etc, e a extensão dos rios, montanhas, mares, etc, que eram mostrados no planisfério (UNWIN, 1992, p.57). Mares até certo ponto, pois os árabes consideravam o Atlântico como o Mar Verde das Trevas, e doutores do *Corão* sugeriam punição muito severa àqueles “loucos” que se atrevessem a navegar este oceano. Contudo, há registro de exceção e desobediência às predicas daqueles doutrinadores. Foi o caso do navegador Ibn Fathima, que teria atingido áreas da costa atlântica da África antes mesmo dos ibéricos, e ainda as considerado muito adequadas ao cultivo da cana de açúcar (KIMBLE, 2005, p.126-127).

Entretanto, o mais legendário dos viajantes árabes no campo da descrição dos lugares foi, e sobre isto restam poucas dúvidas, Ibn Batutah, que viveu no século 14. Ibn Batuta era na verdade o apelido de Ibn Abdallah Mohamed, um homem que dedicou décadas da sua vida realizando viagens e procedendo a registros geográficos, além de negócios. Nasceu no Tanger bem no começo do século 14, e aos 22 anos principia a viajar, primeiro a Meca quando conhece as colônias árabes da costa leste da África. Em seguida, Batuta empreende longas viagens pela Índia, pela China e visita a Malásia. Não completamente satisfeito com tantas viagens e negócios, inicia uma lendária exploração ao Sudão, zona da qual descreve o meio físico, a população, o tráfego comercial e a situação religiosa, inclusive a conversão de vastas populações negras aos ensinamentos do profeta Maomé (KIMBLE, 2005, p.121-124). Ibn Batutah, que era tido também como homem de formação jurídica, passou os seus últimos dias confortavelmente na China, como embaixador e rico comerciante³.

Ibn Kaldun: tradição clânica, scholarship e poder político.

Ibn Kaldun (1332-1406) nasceu em Tunis, a 27 de maio. Ao contrário do seu contemporâneo Batutah, construiu seus caminhos para o oeste; e, também à diferença deste, era caracteristicamente um humanista, moralista, doutrinário e filósofo da dinâmica das civilizações. Kaldun possuía, como o seu pai e seu avô, tal como o afirma Franz Rosenthal, “um amor por scholarship e contemplação” (ROSENTHAL, 1958, p.38, vol.I), sentimento nele combinado com um renascimento das tradicionais ambições políticas da sua família.

Kaldun, que foi reconhecido amplamente como um admirável homem de estado, tinha suas origens num clã do sul da Arábia, parte do qual teria emigrado para a região de Sevilha, Córdoba e Granada durante a grande expansão do Islã no século 8. O seu clã teria se mantido sempre em situação mais ou menos proeminente na sociedade árabe por longos seis séculos. Sua insatisfação aristocrática com as obrigações ou funções burocráticas rotineiras, funções que ele julgava indignas da sua tradição familiar de alto poder e que para ele deviam ser delegadas a subalternos, associadas às usuais intrigas palacianas, acabaram por levar Kaldun a viver atrás das grades por cerca de dois anos, entre 1337 e 1338 (ROSENTHAL, 1958, p.47, vol.I).

A maestria que Kaldun demonstrou no manejo de pares analíticos como populações nômades X populações sedentárias, o deserto X o urbano, ou o campo X cidade na análise dos assentamentos humanos muçulmanos, e as circunstanciadas descrições e interpretações que apresentou sobre a necessária base sedentária e urbana como estrutura da sustentação das civilizações, representaram decisiva contribuição à Geografia. Kaldun declarou o seu débito para com Ptolomeu, e também produziu suas

corografias. Contudo, Kaldun inscreveu seu nome na história da Geografia pela qualidade e abrangência dos seus registros, reflexões e generalizações sobre os assentamentos humanos, o meio ambiente e o estado, não obstante o reconhecimento das suas contribuições no campo filosófico, pedagógico⁴, da política e da administração pública e da história.

Civilização: geração, desenvolvimento, apogeu e corrupção.

Ibn Kaldun, nunca é excessivo afirmar, exibiu uma erudição digna de louvor. O volume I do seu *The Muqaddimah, an introduction to history* analisa, sucessivamente e em três partes, as relações das civilizações com o meio, as características da sociedade beduína ou dos desertos – especialmente suas condições de reprodução econômica, moral e cultural –, e as estruturas do poder político nesta sociedade. Toda a detalhada análise que produz é energizada por uma sofisticada proposta de interpretação causal das relações entre as dinâmicas histórica, por um lado, e moral, por outro, dos assentamentos humanos na sociedade muçulmana.

Mas os estudos de Kaldun não se restringiram à dimensão cultural. Como o sábio enciclopédico que foi, e mediante o compreensão da *Physis* que aspirou da filosofia grega, Ibn Kaldun assimilou e dialogou com a ampla cultura greco-latina e com as cogitações dos teólogos medievais sobre os fenômenos naturais. *Physis* incluía o estudo da astronomia, assim como o estudo das substâncias e dos seres por elas formados, como as plantas, os animais, as rochas, os seres humanos, etc. As fontes d'água, os terremotos, os fenômenos atmosféricos como as nuvens, os trovões e as tempestades, eram todos campos de estudo da *Physis*, tal como a alma dos homens, dos animais e das plantas (KALDUN, 1958, p.147, vol.III). Mas, não custa repetir, o campo onde deixou a mais impressionante contribuição foi no estudo da interpretação da história, da política e dos assentamentos humanos.

Kaldun considera que o estado se forma pela combinação das virtudes da religião com a atitude nobre e benevolente dos mais poderosos em relação à população. A benevolência, para ele, era uma atitude típica das populações dos desertos (atitudes do deserto), populações estas organizadas em energéticas tribos nômades. O ambiente físico e social do deserto é, portanto, o nascedouro ou o ambiente geográfico das dinastias ascendentes. Aí, neste ambiente originário onde a nobreza e a religiosidade se combinavam, as atividades culturais e econômicas cresciam e a população se avolumava e se adensava. Após duas gerações e gradualmente, a dinastia ia atingindo o seu limite, e aquele núcleo de civilização atingia seu máximo de abundância e luxo.

Começavam então os males. Tinham lugar os ataques à propriedade privada (saques às caravanas, aos celeiros, às plantações e criações, aos bens); aconteciam rebeliões; os impostos se multiplicavam e alcançavam a tudo e a todos; e a área agrícola se ia retraindo, diminuindo em consequência os estoques de grãos. Kaldun considerava o ataque à propriedade privada uma perigosa injustiça praticada contra os que possuíam bens e faziam os negócios da sociedade progredir. Tal injustiça teria por consequência o declínio da civilização, declínio que se produziria na seguinte seqüência geral: 1) ataque à propriedade privada; 2) desestímulo aos negócios; 3) inatividade e desinvestimento; e 4) colapso da civilização. Oferecer segurança à propriedade e aos negócios era criar o estímulo necessário ao desenvolvimento da civilização (KALDUN, 1958, p.103-104, vol.II).

Como são os estoques de grãos que sempre permitem compensar as oscilações anuais de boas e más colheitas, oscilação natural e esperada devida à variação inter-anual das chuvas, e como estes estoques diminuem com a desorganização social causada pelos ataques à propriedade particular, logo a fome e as epidemias se fazem presentes: “Se nada é estocado, as pessoas só podem esperar passar fome”, escreveu Kaldun (KALDUN, p.136, v.II). As pestes derivavam também, e principalmente, afirmava Kaldun, da corrupção do ar devido à grande concentração das pessoas nas grandes cidades civilizadas, como no Cairo; o ar corrompido destes assentamentos atacava os pulmões. Ele recomendava, como medida preventiva, que se deixassem nas cidades amplas áreas sem edificações entre as áreas construídas (evitar conjugar imóveis), com o objetivo de melhorar as condições do ambiente doméstico e urbano em

geral quanto à circulação do ar (KALDUN, 1958, p.137, v.II). Além disto, a cidade produzia muita matéria putrefata e umidades pestilentas, favorecendo as doenças.

Civilizações, estados e assentamentos humanos tenderiam afinal ao declínio quando as suas populações se tornavam sedentárias e urbanas em alto grau; aqueles virtuosos beduínos originários, religiosos e nobres, acabariam os seus descendentes destruídos pelas próprias cidades que haviam criado. As civilizações e os assentamentos humanos estariam submetidos à lei da geração e corrupção. Desta maneira, Ibn Kaldun oferece uma teoria ou doutrina moral do declínio das civilizações que encontra similares nas narrativas antigas. A não sustentabilidade das dinastias era de base moral. Para ele, a cidade grande não produzia populações saudáveis e detentoras das melhores virtudes morais, virtudes como a generosidade, por exemplo, ainda que fosse a cidade o único lugar onde se tornava possível cultivar as artes e as ciências; e suportar também Casas de Banho públicas. Nas lendas sobre o início das pregações de Maomé, conta-se que por conta das suas pregações morais ele acabou sendo expulso de Meca, para onde retornou ladeado pela força dos retos beduínos das tribos do deserto, que convertera. O declínio de muitas cidades conduziria à restauração do estilo beduíno virtuoso de vida entre os seus habitantes remanescentes (KALDUN, 1958, p.271, vol.II).

As diferenças de funções entre as cidades.

Kaldun registrou e assistiu ao declínio de muitas partes do Império do Islam, como por exemplo o declínio do cultivo das altas ciências nas cidades de Córdoba⁵ e Bagdá. Com o recuo territorial do império muçulmano, as ciências do Islã foram se recolhendo para o Cairo. Povos do deserto ou dos vilarejos, povos rurais ou de cidades outrora importantes mas que teriam entrado em franca decadência econômica, e portanto se desprovido dos valores e hábitos da civilização, estes povos dedicavam todo o trabalho humano para conseguir migalhas para sobreviver, descreveu Kaldun. Nestes lugares não havia o excedente de trabalho e o luxo característicos das civilizações e das grandes cidades que poderiam sustentar a criatividade e o refinamento da indagação científica e filosófica. Kaldun doutrinava que a educação para a alta ciência e a alta ciência eram funções encontradas apenas nos grandes centros urbanos das civilizações, ou *cores* de regiões culturais, como os chamariam geógrafos europeus como Ritter e Ratzel no século 19. Os sábios emigravam para os locais civilizados, assim como deveriam fazê-lo, recomendava Kaldun expressamente, aquelas crianças e jovens que tivessem alguma propensão para o estudo e para as ciências (KALDUN, 1958, p.434-435, vol.II).

É no âmbito destas discussões que Ibn Kaldun identifica com clareza a relação entre o tamanho das cidades e as funções urbanas que tendem elas a possuir em decorrência das suas dimensões populacionais e de negócios. Isto é o princípio da hierarquia funcional urbana que veio a inspirar numerosos estudos geográficos a partir da segunda metade do século 20 (BARROS, 2003, p.9), estudos estes que foram especialmente influenciados pela investigação da idéia de centralidade na distribuição espacial da população, feita por W. Christaller (1966), em 1933. Funções como as Casas de Banho públicas, por exemplo, eram, segundo o geógrafo árabe, típicas ou exclusivas das grandes cidades (função rara); viessem elas a ser estabelecidas em cidades de tamanho médio, acabariam inevitavelmente por fechar as portas por escassez de demanda e decorrente ausência de lucro. O mesmo aconteceria com os estabelecimentos nos ramos das jóias, da perfumaria e da vidraçaria, assim como nas atividades da alta educação, ciência e cultura, similarmente funções raras. Contudo, carpintaria e confecção de roupas, por exemplo, estavam presentes nas cidades de todos os tamanhos.

Conclusões

A Geografia árabe não se destacou na contribuição direta à instrumentalização geométrica locacional. A cartografia árabe, segundo Kimble, não conseguiu mais que se ancorar tecnicamente nos trabalhos de Ptolomeu – contribuições como as de Al Masudi são de registro corográfico –, e quando deles se afastou

os mapas tornaram-se mais “veículos de fantasias” (KIMBLE, 2005, p.79). Foi volumosa, contudo, a contribuição árabe na elaboração – geografia descritiva ou corográfica – dos *guias* de peregrinação descrevendo a trajetória e os lugares sagrados a serem visitados pelos fiéis quando das peregrinações a Meca, cidade natal de Maomé, peregrinação que todo muçulmano deveria empreender pelo menos uma vez na vida. Mas, na realidade, os guias são artefatos similares às tábuas itinerárias dos romanos, ou aos périplos dos gregos.

A avaliação de Clozier é também muito severa acerca da contribuição árabe à Geografia: seus mapas não possuíam projeção – como a cônica de Ptolomeu – nem coordenadas, de maneira que no campo da cartografia, na melhor das hipóteses, “deixaram-na quase no mesmo estado em que a tinham recebido dos gregos” (CLOZIER, 1972, p.49). A contribuição original árabe repousaria nos desenvolvimentos da astronomia, desenvolvimentos estes ocorridos não apenas pelas necessidades de determinação das localizações geográficas, mas também para atender necessidades astrológicas e adivinhatórias (KIMBLE, 2005, p.75, 79). Kimble é da opinião que, ao lado das dificuldades lingüísticas, o doutrinário veemente com base no *Corão* – tal qual o dos teólogos medievais cristãos com base na *Bíblia*⁶ – teria sido o maior obstáculo para uma melhor assimilação das ciências gregas por parte do mundo muçulmano (KIMBLE, 2005, p.55). Porém, isto não determina o fim da controvérsia em torno da contribuição muçulmana à Geografia. Esta contribuição, impossível não admitir e reconhecer sua importância, deu-se pelo menos na dimensão da interpretação da dinâmica da organização espacial.

Sem dúvida, esta controvérsia pode ser vivamente alimentada quando são consideradas as contribuições de Ibn Kaldun, contribuições à análise dos assentamentos humanos e da organização social que, como visto anteriormente, oferecem numerosas evidências em contrário. Sua capacidade de produzir generalizações a partir das análises sobre o povoamento – talvez se possa dizer que foi uma espécie de *physikói* dos assentamentos humanos – inseriu seu nome com destaque entre aqueles que cooperaram na construção da Geografia. Isto na dimensão interpretativa que a disciplina pode oferecer das relações entre as populações humanas, os *habitats* que estas populações constroem, o meio ambiente mais amplo onde vivem e as funções das cidades edificadas.

Percorrer experiências diversas de saber geográfico propicia uma visão menos dominada pelos imperativos do estado atual da disciplina, e ensina-nos que um complexo formado por tradições e inovações é o que realmente compõe a Geografia (BARROS, 2004b). Muitos dos temas que se tornaram comuns na Geografia contemporânea, como por exemplo, o da diferenciação funcional urbana, fizeram parte das cogitações do pensamento geográfico que medrou em outras civilizações, que não a industrial e dos serviços. Estas lições, como anteriormente visto, podem ser extraídas dos trabalhos de Ibn Kaldun, com suas argutas observações sobre as funções raras e seus limites a certas centralidades urbanas, em contraste com as funções indiferenciadoras. Nos trabalhos de Kaldun também se encontra o impulso à generalização na análise da dinâmica dos assentamentos humanos e das civilizações, propondo ele uma interpretação moral e religiosa do fenômeno da origem, da ascensão e do declínio dos mesmos. No século passado e no presente, as interpretações deste fenômeno para os que se atreveram a propô-las, foram várias e competitivas, e certamente no espectro que oferecem não se excluiu a solução proposta por Kaldun.

Notas

(1) Na China, por exemplo, a produção geográfica realmente mais aproximada do modelo formalizado por Ptolomeu vem a acontecer contemporaneamente às contribuições deste. Pode-se supor que estas similaridades tenham resultado das difusões acontecidas no contexto da expansão comercial da China, expansão sob o domínio da dinastia Han (140-86ac). O Imperador Wu-ti, desta dinastia, e isto em torno do ano 100 aC, abriu e intensificou as rotas da seda entre a China e o Mediterrâneo (HERMANN, 1968, p.4111, v.I), e por certo isto facilitou os intercâmbios culturais e de idéias entre o mundo oriental e o greco-romano. Conseqüência destes contactos pode

bem ter sido o caso da escola Hun Tien, no século 2 dC, cujos pensadores representavam a Terra como um globo em torno do qual giravam as esferas celestes, tal como os gregos também imaginavam. No século III dC registra-se o trabalho de Phei Hsiu (224-271 dC), trabalho que deve provavelmente ter assimilado do mundo greco-romano o método cartográfico das coordenadas geográficas.

- (2) No começo do século 14, Chu Ssu-Pen (1273-1337 dC) reuniu todas as informações cartográficas disponíveis e produziu um impressionante mapa da China e do mundo circundante. O artefato era, na realidade, uma espécie de mapa-mundo chinês, considerado superior aos produtos cartográficos europeus que lhe eram contemporâneos. É justamente neste mapa que, ainda no começo do século 14 e pela primeira vez na história da cartografia, mostra-se a África como um triângulo orientado para o sul do Mediterrâneo. Os mapas árabes e europeus de então ainda apresentavam a África apontando para o oriente, apesar das conjecturas anteriores de Al Masudi.
- (3) Suas narrativas revelam que estando na Índia em 1330, no porto de Calicut, e precisando embarcar no navio que fazia a linha para a China, ele conseguiu – estando o navio completamente lotado e as passagens totalmente esgotadas – um excelente aposento na 1ª classe, com banho e passagem de ida e volta, aposento no qual pode acomodar confortavelmente o seu harém de várias esposas legítimas, e diversas concubinas e escravas, mas tudo isto à custa de uma generosa propina (HERMANN, 1968, p.361-2, v.1).
- (4) Kaldun considera expressamente contra-indicado o uso dos manuais sintéticos de introdução a uma ciência e sugere que esta introdução seja feita mediante textos longos e circunstanciados, onde os tópicos a serem estudados sempre retornam ou são reapresentados; a repetição resultante na apreciação dos tópicos de uma ciência pelos alunos seria, para ele, a base segura para o aprendizado (KALDUN, 1958, p.290-298, vol.III).
- (5) Em 1364, aos 32 anos e gozando de com grande prestígio em Granada, Kaldun foi enviado a Sevilha para uma importante missão visando obter um tratado de paz entre os cristãos, sob Pedro o Cruel, rei de Castela, e os muçulmanos, sob Muhamed V, de Granada. Pedro, o Cruel, então lhe ofereceu um bom emprego na corte e ainda prometeu-lhe restaurar as propriedades ancestrais da sua família em Sevilha, agora nas mãos dos cristãos, desde que viesse trabalhar para ele; mas Kaldun recusou (ROSENTHAL, 1958, p.49).
- (6) “Mas justiça seja feita à sabedoria árabe”, adita Kimble: “É honesto dizer que os seus preconceitos raramente foram tão obscurantistas quanto os de seus contemporâneos cristãos” (KIMBLE, 2005, p.55). Notável evidência de suporte a esta opinião é o pensamento anti-geográfico contido na teologia de Lactâncio, que foi preceptor justamente do filho do Imperador Constantino. Para Lactâncio, a “ignorância geográfica era uma virtude agradável a Deus” (HERMANN, 1968, p.413, v.I). Lactâncio ainda ridicularizava a afirmação de que a Terra era esférica, além de afirmar que a ciência era uma atividade “tola e falsa” (UNWIN, 1992, p.59).

Referências bibliográficas

- BARROS, N. C. Ensaio sobre renovações recentes na geografia humana. **Mercator**, Fortaleza, vol. 2, n. 4, p.7-18, 2003.
- BARROS, N.C. Notas sobre contribuições da antiguidade clássica ao pensamento geográfico. **Revista de Geografia**, Recife, vol. 21, n. 2, p. 77-84, 2004a.
- BARROS, N.C. Tradição e inovação no pensamento geográfico: reflexões e aplicações. Tese de Livre Docência (FFLCH) – Universidade de São Paulo, 2004b.
- BARROS, N.C. Traços da Geografia na experiência histórica da China e na Idade Média. **Revista de Geografia**, Recife, vol. 22, n.1, p. 21-26, 2005.
- CHRISTALLER, W. **Central Places in Southern Germany**. New Jersey: Prentice-Hall, 1966.
- CLAVAL, P. A Revolução Pós-Funcionalista e as Concepções Atuais da Geografia. In: MENDONÇA, F. & KOZEL, S. (Org.). **Elementos de epistemologia da Geografia contemporânea**. Curitiba: Editora da Universidade F. do Paraná, 2002, p.11-43.
- CLOZIER, R. **História da Geografia**. Lisboa: Europa-América, 1972.
- HERMANN, P. **História dos descobrimentos geográficos**. Barcelona: Editorial Labor, 1968, 3 vols.
- KALDUN, I. **The Muqaddimah: an introduction to history**. London: Routledge & Kegan Paul, 1958, 3 vols (translated from the Arabic by Franz Rosenthal).
- KIMBLE, G.H. **A Geografia na Idade Média**. Londrina: Eduel, 2005 (trad. do original inglês publicado em 1938).
- LIVINGSTONE, D. Reproduction, representation and authenticity: a rereading. **Transaction of the Institute of British Geographers**, vol. 23, n. 1, p.13-19, 1998.

ROSENTHAL, F. Translator's Introduction: Ibn Kaldun's life and The Muqaddimah. In: KALDUN, I. **The Muqaddimah: an introduction to history**, vol..I, pp.29-87, op. cit

UNWIN, T. **The place of Geography**. New York: Longman, 1992.

Trabalho enviado em abril de 2006

Trabalho aceito em agosto de 2006